DEPÓSITO LEGAL

DAMANHÃ

Director: BARRADAS DE OLIVEIRA — Editor António da Fonseca — Proprietário: Companhia Nacional Editora — Redacção, Administração e Oficinas: Rua da Misericórdia, 85 — Telef. 30237 — End. Telegr.: DAMANHÃ

LISBOA — 3.ª-FEIRA
ANO XXXV — 25
12.160
1965
PREÇO 1$00 — MAIO

O QUE ESTÁ EM CAUSA

A questão pós-se no plano nacional, o que recituda todas as oportunidades de equívoco. Por isso mesmo, os campos naturalmente, insensivelmente, se entrecruzam, sem que fosse possível jogar as escondidas com os factos ou com as ideias. Se era desejável um teste, pode dizer-se que, apesar das circunstâncias adversas, ela permitiu algir uma conclusão clara e definitiva.

Não estavam em causa problemas, de segunda ordem que se relacionassem com as variáveis políticas, e não dissessem respeito ao essencial e às constantes. Não eram para aqui chamados os factores de divisão relacionável, com os rugidos e com as formas de governo, com tudo aquilo que é, afinal, de natureza transitória e o será ate ao dia em que se haja descobrindo, no plano da teoria pura, a receita garantida para fabricar a felicidade dos povos.

A ocção incidia sob o fundo das coisas e o que se propunha aos Portugueses era um questão muito simples: estamos, ou não estamos com a Pátria, reagimos ou não reagimos à afronta que foi feita a todos os valores moral da colectividade nacional.

Afastam de todos os lados as manifestações em que eram ofuscáveis a ancoradoje e a esponta-neidade, tantas vezes de gente simples e ingénua, por isso mesmo mais próxima das raízes da emoção e menos aptas a controlar as expressões.

Viemam de toda a parte, de todos os recantos do Portugal Peninsular e das Ilhas de sol e de bruma, que foram as primeiras condenadas ao isolamento, a solidade de infinito, assim como chegaram das estações do ar-do-ano e dos confins de Moçambique.

Por toda a parte a Imprensa reflectiu o clima mais da hora grande em que uma centelha provocou a explosão do clima e a revolta. Os jornais de Lamego e de Lourenço Marques vieram a mesma nota de indignação e fizeram-no com o mesmo ardor e com a mesma decisão.

Do campo da oposição partiu o desafio e do campo nacional a resposta não se fez esperar. Era preciso exaurtoar um procedimento inqualificável, denunciar os responsáveis e determinar-lhes as origens e as implicações. E a maneira como as pessoas acudiram à chamada das tortiras a concluir com optimismo que nada está perdido.

Houve — é claro — excepções, silêncios que se esperavam ou atitudes que revelavam antecinhas e perversas cumplicidades, mas essas excepções não contavam numericamente e só serviram para, aqui ou aíim, ser focos rectificar posições aparentes sem expressão correspondência na realidade.

O que importa é o magnífico impulso que revelaram tantos jornais, como esperávamos da opinião pública de que se fizeram eco e em nome da qual testemunharam com a maior dignidade.

Os Portugueses podem, no quotidiano basco dos periodos sem Historia, parecer divididos em virtude de discrepâncias de segunda ordem, mas, quando se debate o que é autênticamente profundo, reagem vigorosamente e acorrem a ocupar o seu posto, reafirmando a solidariedade de quantos liga a comunhão do ideal. Para isso, não são alcoólicos o prodigio da nossa sobrevivência.

Portugal está em guerra. Na periferia de três das nossas províncias ultramarinas, os soldados portugueses combatem pelos valores eternos que as gerações actuais receberam como herança e a que devem dar dar contas perante aqueles que lhe sucederão de gerações.

Estamos em guerra e a guerra não permite vacilações nem delaçamentos. Os que sacrificaram generosamente se consumam sem tendividade, porque os outros soldados continuam um povo que, no campo de oitocentos anos, viveu numa atmosfera de exaltação, e de heroismo.

Estamos em guerra e a retaguarda não pode trair. Trair, por própria, de fazer a guerra e opor as infiltrações do inimigo uma dureza imaleável, uma intransigência total, uma decisão irrenogável. Não pode haver lugar para a compreensão, que é ainda demasiado, nem para a compreensão que é traição.

O Presidente da República regressou à Metrópole, pela 1 hora de hoje, da sua visita, oficial ao distrito de Vila Real. Durante três dias o Almirante Américo Tomaz foi calorosamente recebido em todas as povoações por onde passou, desde que entrou na Régua até ao fim da tarde de ontem, quando iniciou as suas viagens e comícios de espírito.

Nesta data deve ter sensibilizado o Chefe do Estado ter presenes o povo da gente humilde que disse-ou os seus alaveres, no campo, na oficina ou nas escrituras que cobrir de corajoso aberto e com a tesoicional lhaneza, tratamentos, o Supremo Magistrado da Nação.

Se nos grandes acontecimentos populacionais, as ruas se enchiram de gente da trabo ou estudantes mesmo para acclamar o ilustre visitante no entanto o que mais nos prendeu a atenção foi ver, ao longo da estrada, em sitios ermos, caso povo humilde envergando, a seu falo pelo minguéiro, que veio de longe para saudar o Chefe do Estado. E para que a estrada não surgisse apenas ornamentada com o que a natureza embelezou as suas bermas, trotoire ensaio vedaq colchas, algumas obras, trabalho de mãos hábeis das mulheres trabalhadeiras, tiraram dos arcas de onde só saem em dia festivo, e que colocaram a atravessar os caminhos. Naquns sitios vimos os retratos dos Chefes do Estado e do Governo. E nesses locais, assados, onde a aldeia fica distante, no alto da serra, ou na vale, ou vivas e as palmas eram, na manhã, ainda e vibrantes, mas a sua enamoradia, dava-nos a impressão de que ecoavam com mais calor.

Houve muitos outros momentos que impressionaram quem de perto acompanhou esta visita presidencial: aem esquecer aqueles em que ouvimos o povo embar em coro, com voz vibrante, o hino nacional.

O Chefe do Estado e suas esposa, que tinham frisado na entalagem em Fiães da Hidro-Eléctrica, do Cávado, partiram dali às 9 horas em direção a Chaves, acompanhados pelos Ministros do Interior e da Marinha, governador civil de Vila Real, comandante da 1.ª Região Militar e outras autoridades.

A partida, os operários da Barragem tributaram ao Presidente da República e a Sr.ª D. Gertrudes Rodrigues Thomaz as primeiras ovações, que deveriam repetir-se até à partida para Lisboa, com o mesmo entusiasmo.

Chegada a Chaves

Às 10 horas o Presidente da República chegou a Chaves, que estava ornamentada com bandeiras, e gerâneos, e, ainda, com colchas, cobertas bolas colgaduras a cobrirem as fronteiras dos prédios. Nos montes viam-se retratos dos Chefes do Estado e do Governo.

No Largo do Arrabalde, onde o povo se tinha concentrado em muito número, estavam as autoridades civis do concelho, tendo à frente o presidente do Município, Dr. Silvio Carlaxo, e as autoridades militares e judiciárias.

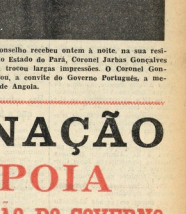
Um batalhão a duas companhias de Caçadores 10, com bandeira, banda fanfarra do Regimento de Infantaria 9 apresentou a guarda, mesmo tempo que se ouvia o hino nacional.

Depois das homenagens militares, foi a vez dos habitantes da histórica cidade dirigirem também as suas saudações ao Presidente da República.

Através da pitoresca Rua Direita, com as suas casas bem regionais, onde tinha sido construído um tapete de serrim, no qual, com flores se haviam desenhado as armas da cidade e outros motivos, o Almirante Américo Thomaz sentia bem a forma carinhosa como o povo o tratava. Ou seja, o Presidente, as Presidencias da República e do Conselho, caminhavam conhecimentos.

No Largo de Camões, enquadrado num conjunto de edifícios antigos em que se destacavam a igreja matriz, o palácio do Duque de Bragança, a linda capela da Senhora da Cabeça e os Paços do Concelho, terminou o percurso que o Chefe do Estado fez a pé, sob uma chuva de pupelinhos e pétalas de flores.

(CONTINUA NA 2.ª PAG.)



O Presidente do Conselho recebeu ontem à noite, na sua residência, o governador do Estado da Paú, Coronel Jarbas Gonçalves Passarinho, com quem conferenciou. O Coronel Gonçalves Passarinho visitou, a convite do Governo Português, a metrópole e a província de Angola.

A CAÇÃO A DECISÃO DO GOVERNO

NO CASO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES

A Presidência do Conselho e aos Ministérios do Exército, do Ultramar e da Educação Nacional, continuam a chegar, enviados de todos os pontos do País, inúmeros telegramas e cartões de protesto contra a decisão do júri da Sociedade Portuguesa de Escritores, pela concessão do último Grande Prémio de Novelística.

Dos telegramas recebidos na Presidência do Conselho destacam-se os seguintes:

«Grupo homens letras Angola gr-

MINISTRO DA DEFESA FRANCES VISITA PORTUGAL

COMO já foi anunciado, o Ministro da Defesa de França, Pierre Messmer, visita oficialmente o nosso país, a convite do General Gomes de Araújo, chegando ao Aeroporto da Portela de Sacavém às 10 horas do dia 27 de Maio, onde foi recebido pelo Ministro da Defesa Nacional, pelo Embaixador de França, secretário-adjunto da Defesa Nacional, adido militar francês e oficial de ordens.

Por 14 horas efectuou uma reunião de trabalho na Defesa Nacional (reservado durante a qual realizar-se-ão conversações relativas ao acordo assinado entre os Governos Francês e Português que permite a utilização, em comum, de meios científicos, no domínio da balística.

(CONTINUAÇÃO DA 5.ª PÁG.)

CHAVES RECEBEU O PRESIDENTE DA REPÚBLICA NUM AMBIENTE FESTIVO A QUE O ENTUSIASMO DA POPULAÇÃO DEU AINDA MAIS FULGOR

PORTUGAL PRECISA AINDA DE SALAZAR

FEIA MAIS PELO PÁTRIA

— AFIRMOU O CHEFE DO ESTADO EM CHAVES NO TERMO DA SUA VISITA AO DISTRITO DE VILA REAL

PIERRE MESSMER, MINISTRO DA DEFESA DE FRANÇA

A UNIDADE DA EUROPA SÓ PODE SER CONSTRUIDA ATRAVÉS DE POLITICAS NACIONAIS

—DECLAROU O MINISTRO CORREIA DE OLIVEIRA NA REUNIÃO MINISTERIAL DA E. F. T. A. EM VIENA

VIENA, 26 de Maio

AO terceiro, esta manhã, na sessão do Conselho Ministerial da E. F. T. A., o Ministro portugês, da Economia, Dr. José Joaquim Correia de Oliveira, proferiu a seguinte declaração:

«Sr. presidente.

É esta a segunda vez que o Conselho de Ministros da Associação Europeia do Comércio Livre se reúne em Viena sob a presidência do Governo do povo austríaco — povo cuja memória ficará a par com as responsabilidades que sempre sigmeia no mundo, e com a sua sorte.

Quando terminou o primeiro Conselho realizado em Viena, nós, os que nele participámos, não regressámos às nossas capitais apenas com os olhos, ainda cheios da beleza da cidade que tão amigamente nos recebeu; partimos, sim, com a certeza, da maleabilidade da Convenção que instituiu a nossa organização e da capacidade de decidir deste Conselho, que é o ele verdadeiramente que decidir.

A necessidade do êxito da nossa primeira reunião em Viena justificou-se só por si; que compreendemos, agora, o nosso trabalho em ambiente de plena confiança. Mas o clima em que se inicia, este Conselho mais do que de confiança, é de grande e justificada expectativa e isso se deve à presença, neste salão, de três ministros Chefes de Governo.

Ao saudar, em nome de Portugal, o presidente deste Conselho, os chefes das delegações que a constituem e os nossos secretários-gerais, formulo o voto de que possamos todos, reencontrar-se mais cinco anos com a certeza de mais alguma coisa haverem feito, pelo bem dos povos que temos a honra e a responsabilidade de representar.

Sempre Portugal se preocupou em favor de uma intensa e extensa cooperação, entre os países da Europa Ocidental, com vista à formulação de políticas comum e coerente, capaz de contribuir para a solução dos problemas internos da Europa — que são os problemas próprios de cada uma das nações europeias — e capaz ainda de assegurar a posição que, no concerto dos interesses mundiais, deve caber à Europa.

Esta expressão que tanto usamos e não deve ser mais que a expressão da Europa — abrange um conjunto de entidades nacionais que constituem a sua unidade substância, para que os estudos supranacionais desprovidos de sentido. A realidade da Europa resulta das várias realidades nacionais que a integram e, sem elas, só estas verdadeiramente contam.

«Os interesses dos nossos países nunca poderão encontrar satisfação plena na divisão do mercado europeu»

«Eu nunca vi, na realidade, um governante responsável raciocinar sem um princípio dirigido que constitui o interesse essencial do seu povo. Nenhum governo que governe defende a submissão do seu país aos interesses de outros países (pronunciou) está certa em errados. Nenhum governo que, por esta via, melhor realiza o que for vital para o seu povo, não é sim.

A esta luz entendemos não, que representa que a unidade tão necessária, da Europa, no plano dos interesses económicos e no plano mais vasto de todos, que inter-esses, fundamentais. não pode obstar-se por um sistema de divisões políticas que ignore aquela, realidade moral e material que é a unidade. Somos por ser a favor de todo o esquema de cooperação que assegure a unidade da Europa, mas uma, unidade construída através de políticas nacionais, embora coordenadas e dirigidas à realização dos autênticos interesses nossos europeus. Daí o termos por ausente que os interesses do meu país e dos vossos países a uma, possível, concentrar satisfação, plena numa divisão do Mercado Europeu.

Quiz ser dar a cela reunião a nossa de um Conselho especialmente dirigido ao estudo da viabilidade do reforço da Associação. O ambiente anteriormente desta interesse e o facto de serem as delegações, na

(CONTINUA NA 8.ª PAGINA)

OBRAS PÚBLICAS

NÃO há recanto do País, metropolitano e ultramarino, em que o dinheiro da Nação não ainda seja aplicado a favor do bem-estar das populações, para o que com o dinheiro do povo, é certo, mas em benefício desse mesmo povo que o vê e contabilizando em realidades que as realidades diárias pu-tenteiam.

O Ministério das Obras Públicas, a que cabe concretizar os planos e as aspirações materiais, no âmbito regional e nacional, sente, em mais de três décadas do Regime «Ditadura» o peso das realizações.

Patrimonio de todos, como, tributo — repete-se — com o dinheiro de todos, as obras criam por isso essas obras, em boa ética política, motivo de louvor para, uma dominação, tração, naturalmente implícita manifesta da boa execução dos negócios públicos.

Simplesmente, quando nos lembramos, os que temos a mais de cinquenta anos, como era dantes trabalhado o dinheiro que os mesmos povo pagava, em estéreis e ruinosas lutas políticas, e que colia, alguma ou pouca coisa era feita ou terminada — quando nos recordamos disso e que vemos a brilhante dade do orgulho do flacranitismo centrado.

Oito milhões de contos será a montante de custo de melhoramentos a inaugurar no próximo ano — segundo a nota divulgada recentemente o Ministro Arantes e Oliveira.

Mais e mais milhões, a juntar a tantos e tantos outros, colocados inteiramente ao serviço da Nacão.

E isto tudo a desmelle de 1 há quatro anos, o País nastar vultosas verbas com a defesa nacional, por culpa de terceiros.

E, na verdade, um prodigio de boa administração!

J. P.

«Terras de Portugal-Terras do Brasil»

EXPOSIÇÃO DOS PRÉMIOS

Ainda está a tempo de visitar a extraordinária exposição de prémios que hão-de concorrer entre os escritores concorrentes ao «Terras de Portugal — terras do Brasil». É esta não o tempo de concorrer, adquirindo ali a sua caderneta, com os artesanía cujaes da colecção.

O certame está patrocinado ao público no Pavilhão dos desportos, cuja, de visitas desportivas de Lisboa, gentilmente cedido pela Câmara Municipal, por amabilidade do seu ilustre presidente, Sr. General Franco Borges.

Ali, no estand, das informações, podem os visitantes inquirir quanto se relacione com as «Terras de Portugal — Terras do Brasil», que constituiu extraordinário êxito.

O horário das visitas — que são gratuitas — é o seguinte: hoje, das 16 às 20 horas; amanhã, das 16 às 24; quinta e sexta-feira, das 16 às 20.

ENTRETANTO, CONTINUAM A SER RECEBIDAS NA NOSSA ADMINISTRAÇÃO AS CADERNETAS DO CONCURSO. TAMBEM PODEM SER ENTREGUES NA NOSSA DELEGAÇÃO DO PORTO A RECEPÇÃO TERMINA NO PROXIMO DIA 31.

Nota Internacional

TERRA E AR

OS factos vão-nos dando razão. Dissemos, por várias vezes, que era fatal os Estados Unidos virem a reconhecer a necessidade de reforçarem as suas efectivas terrestres no Vietnão. E precisamente o que está sucedendo.

Havia, aqui há tempos, no Vietnão ão Sul vinte mil militares americanos, dos quais apenas uma parte se enquadrava no exército Hoje, os fuzileiros navais e outros elementos de terra são quarenta e oito mil. Amanhã, serão setenta e cinco mil, de harmonia com o programa elaborado pelo Pentágono.

Os americanos parecem ter compreendido que, seja qual for o efeito dos bombardamentos aéreos realizados na Vietcónia do Norte, não podem desistentes-se da guerra subversiva feita contra eles no Vietnão do Sul.

As duas vias são sim duas diferentes e não distintas e como deveria imaginar-se. Ainda ga-barato que se perdesse uma guerra ganhando-se a ainda, pois é, serem os Americanos batidos na luta subversiva mas obtiverem a vitória final através das experiências maciças da sua aviação.

Não vale a pena perder tempo a comparar as duas coisas pois formular um juízo de conjunto é suficiente reflectir na medida em que a guerra de tipo revolucionário foi feita e ainda está, é susceptível de anular as vantagens que possam ser alcançadas pelos ajactos que alvejam o terrivelmente neste-clarificado.

Basta pensar que a execução dos bombardamentos aéreos não depende apenas de haver aviões de ataque e aviadores de qualidade. Depende igualmente da existência de bases que constituam uma infra-estrutura adequada à realização deste programa.

Para tanto é indispensável que se aproveitem uma boa estrutura de base e que essa estrutura se encontra devidamente acautelada contra os golpes de mão eventuais. É preciso guardar os aeródromos e guardá-los em termos, e só se conseguirá se houver para tanto homens e meios em quantidade suficiente.

Instalar na Indochina uma grande força de aviação americana e manter-se essa força dependente da protecção que seja dispensada às suas bases pelo exército sul-vietnamita é, dado o estado em que este manifestamente se encontra, jogar uma partida muito arriscada.

Na guerra todo tem de ser arriscado mas vista a conjuntura nos dizem comum. Os Americanos devem agora ter dado conta desta realidade.

A CAÇÃO A DECISÃO DO GOVERNO

NO CASO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES

fardosdos prémios provincials nacionais, «Antimagrina» nacionais exclusivamente altude Governo extinguindo Sociedade Escritores dita portugues como «responsável grave atenta constitui contra cultura portuguesa atribuindo prémio novelistica obra «Luandia que contém abusolutamente inferior tanto ao temático como ao literário e abuso ultrajo deliberadamente aos grandes escritores portugueses

(CONTINUA NA 1.ª PAGINA)

ATENÇÃO APOIO AO GOVERNO

ABASTECIMENTO PÚBLICO

FARTURA DE PEIXE EM LISBOA

Ontem, durante a lota de Santos, 175 toneladas de pescado, desembarcado de quatro Varinhas, de Cabo Branco, que trouxeram, ainda, mais 181 toneladas. Facilmente compreende-se a abundancia deste produto, que veia em boa hora da alimentação da ilhoa gente.

Forma mais farta, as seguintes espécies: cabeliuha, cavalas, sardinhas, pombos, pargo, cachucho, marmoria e corvinas. Dos não comestiveis, o cangue, meros, rabetes, rainhas, palmas, ilhoas, e polvos.

Quanto à Ribeira, desenvolveram-se bem, durante, ontem, a pesca, com a total de 19 toneladas: além da lota barca com sardinha. Cerca dela trepitaug quatro tonelados, sendo da espécie mais abundante, o pilcr, e chicharro e o porbe. Ali vendem-se, também, 39 cavaiga de marisco.

Para a lota de hoje (dia 25), em Santos haverá 16 varinhas, e, pois, espera-se que a maior fartura seja de marmoria, cachucho, pargo, pombos, anchiva e corvina, dos bichedaz e garoupa, palmas, meros, cavalas, ilhoas e rainhas, dos não tabelados.

O CASO DO DESASTRE DO CAIS DO SODRE

Prosegue no 8.º Juizo Correcional o processo crime do caso do Sodre.

Em virtude de determinação superior, o Juiz do 8.º Juizo Correcional não se ocupará de outros processos sómente aqueles trabalhos urgentes não finda a inscrição, deste processo.

Como, adiaugado de deixar tem ficado presente o Dr. Balbosina Cardeira, em representação tambem dos autores Alves, Alcantara Dias, Proda, Cavalcante de Ferreira e Fernando Alves, a Acusação pública pelo relevo a carga da defesaiso Dr. Ribeiro e, estaiuchoje, compete ao digaõ Ernesto Carneiro Santiago, e Xavier Lobo, assente por impedimento do Dr. Ribeiro.

Dada a complexidade deste processo que tem de ouvir mais duas de volumes, além de vários apensos, e o Dr. Alvaro Pires de Lima, representante de todos os assistentes, pede o principio já aguado, tem podido dar réplica à Acusação, sómente depois de ouvir a instrução contraditória, com advogado de acusação.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados entregues na 4.ª P. (Polícia) de Lisboa, no período de sul, pseudo, eidermita, do Corpo de Bombeiros da Cidade de Jesus; porta-com- cria cidade de Maria José Gomes Simão; cetim de Filipe Gomes; Maria da Cruz, bilhete de identidade de Valentim Antonio Ribeiro; chapéu de palmeiras; lanquide de rodo de sutonqel; bengala; de pelmeiro de gamichas; argolas com chaves.

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no Tejo os navios: Grego, «Parnassus», de Sindelvai, Halmstad e Bret, «Pinto», navaria na magnúcia; inglesa: «Malcolm», Liverpool, «Cambridge», de Londres e Sethiaal; norueguês: «Tyne», Cardiff; «Tom Copenhage, Mariel, Estocolmo, Helsingeis, Gotemburgo, Copenhague, Antuérpia e Roterdão; alemão: «Surtos, de Rotterdam; «Ruhr», Bremen; «Berlin», Hamburgo; francês: «Helena», de Rade, portuguêz: «Santa Marta», de Lisboa; «Ribeiro», Pinto Pinto, de Evergisdes, Pesetrie Pinheiro; «Vigo», em de Lisboa; «Gerusalemme», de Lisboa; «Gorgulho», de Funchal e Porto Santo; «Ribeiro», de Funchal e Porto Santo; «Ribeiro», de Funchal e Porto Santo; «Ribeiro